

VLADIMIRO LÉNINE

A morte do grande revolucionário representa um grande acontecimento social

VLDIMIRO Lénine, das raras formalidades que, durante os seus dias, foi em todo o mundo, o espectro de alguns milhões de burgueses, doutor do posso das repensar, já, nem sempre, no modo de ser, que o governo em vista, mas foi sobre a praça vermelha de Krasnói, ao pé da construção morosa da grande revolução russa.

Dizendo verdadeiramente chamaram os críticos mais generosos; outros lhe chamaram figura sinistra e sombria; aqui todos os seus inimigos burgueses, com uma absoluta ignorância desse homem e da sua vida, e, algumas vezes, com uma vulgaridade ainda superior à ignorância, lhe dotavam a fisionomia moral e intelectual, apresentando-o como um sanguinário feroz no meio vulgar. Agora, em face do seu cadáver frio, não alguns dos que em vida lhe cuspiram esses insultos, que aparecem a rotundidade-lhe intelectual, a repugnância política, a sinceridade das intenções, figura apostólica, consideramos-o não como retrato da primeira grandeza.

Singular a cônica incompreensão em que a humanidade se inferioriza comprazendo-se numa justiça tão tardia.

Final, Lénine—segundo nós, o sanguinário de ontem—em breve será apóstolo imaculado; e com os exigidos de alguns burgueses devotos, não nos surpreendemos o fúgar-se, quando tal for mister aos seus interesses, até porque, segundo se diz, Lénine teve sacerdote palmeado na sua agonia.

Seja como for—sem nenhuma espécie de cega possessão, mas com uma profunda admiração—para mim Vladimir Lénine foi um notável homem; é uma grande figura social que tomba; uma respeitável figura de luto em cujo seculo interessa e importa especialmente às classes operárias e aos partidos avançados, mesmo aos que de sua causa tenham que discordar.

Ela não foi, como tanta gente supõe, um aventureiro vulgar; um político ávido do mundo era interesse; um propagandista retórico ou romântico; a quem as contingências da revolução colocaram à frente de uma das maiores nações do mundo.

Tampouco qualquer ruído de despreito público o inspiraram como chefe de uma revolução revolucionária, porque pertencia à nobreza hereditária e era filho dum conselheiro de Estado.

Era um homem educado, culto, frequentador da Litteratura e Universi-

dade, finidos jornais e numerosos livros nos quais se ocupou da literatura, deixando obras económicas a que os críticos de questões agrárias atribuem excepção importante.

Já em 1890 era fervoroso partidário da revolução socialista, calculando com alguma exactidão todos os problemas operários, entendendo com alicor, todos os perigos que, mais tarde, o

ta, e com uma eloquência feita de lógica familiar, encorajando sobre as almas uma angústia incomparável.

Mas, para mim, a sua maior obra foi a sua noção da política da Rússia, apesar das reservas e das contradições que mantinha.

Grande obra essa, pelo que encerra de ideias em algumas resoluções operárias; pelo que revela da possibilidade duma nova e mais justa organização social; e pela in-

crever-se que a obra social de Lénine falhou. E, todo para tal dizer; e com os sete anos do novo regime russo seriam suficientes para segurar juízo.

Em grande ignorância histórica visto os que se surpreendem com a organização e passagens desgraçadas da Rússia, cumprindo, por minha parte, lastimar que a revolução vá assumindo características burguesas.

De resto, a Rússia não padecer por erros de Lénine; quando muito este teve uma pequena parcela de culpa—infinitamente pequena em face das grandes responsabilidades da política corrupta, especialmente nos últimos dez anos.

E' preciso voltar ao passado da Rússia, da qual o presente é apenas uma lógica consequência e analisar a misteriosa moral, o vergonhoso despotismo hereditário e o odioso opressão em que viveu o império russo, o que tornou possível, inevitável, a revolta dos kamildos, dos escravizados.

O regime imperial era a pior das escuras, a coerção tirânica do furo contra o fraco; o povo trabalhador não tinha as menores regalias; a sua boca não podia reclamar educação; os seus olhos achavam-se em terror ante a visão da «casa dos mortos» na Sibéria, onde eram realçados a choros as desgraças que habilitavam a palatosa «liberdade».

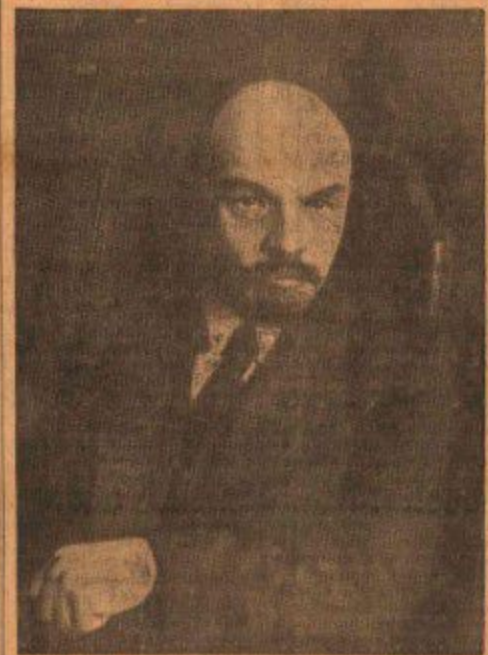
Governava o povo dos fanatismos religiosos; dominava a desolação, a escuridão; a multidão rojava os joelhos na lama e passavam do imperador e dos doctores arqui-episcopos... O povo solitário, as ocultas, a sua raiva sagrada—e havia lábios que empalmeavam de justa cólera, e mãos que se apertavam, crispando, estreitando a grande corrente revolucionária.

O proprio Lénine foi desterrado para a Sibéria, foi privado de frequentar a Universidade, foi expulso de Kazan e—mais triste que tudo isso—viu enforcar sem trunfo Alexandre Ulianov nos seus de Scheniberg, as ordens dum Czar!

Entre um império destes, que se inspirava repugnância e terror, a uma revolução revolucionária—fosse ela qual fosse—ninguém que tivesse uma alma generosa e a inteligente consequência da sua individualidade, hesitaria. A esperança revolucionária ainda era o reduto onde palpava o que de mais digno o ideal havia na nacionalidade russa.

Os erros da Revolução—os erros de Lénine!

Sem dúvida que na Rússia re-



VLADIMIRO LÉNINE

lovaram nos distritos da Sibéria, a longos exílios de Ginebra, Londres e Berlim.

No desterro, as suas crenças revolucionárias mais aocididas por uma lutina lava de sofrimento do que a alma estava tão o mistico sagrado; e, ao exílio, procurado o convívio dos mais notáveis magistrados do todo o mundo, a simplicidade de sua vida e a lucidez da sua inteligência impunham-se com geral admiração.

Tal é a traço geral o homem de quem Etlenné Antolotti disse que tinha uma cabeça impressionante de profeta, herdada por um olhar exterior de todos os salões, toallo duma clarividência

honesta que encorajou as massas populares de todo o mundo. A força extraordinária como personalidade, Lénine marca o seu papel, ao lado das chamadas de todo o mundo a maneira como se fica perdido da situação internacional—consequência pela guerra, que lhe era da sua responsabilidade, os meios de que lançou mão para defender a revolução e reorganizar o seu país—tudo isto amou o mundo dum grande homem, sem dúvida maior que os grandes Clemenceau, Lloyd George e Wilson, superior mesmo, quanto à visão humanista e social, ao proprio Napoleão.

Ten-se escrito e continua a es-

volucionaria deve ter havido exa-
geros e violências, lutas e paixões
— a eterna tragédia da fundação
de todos os regimes; ainda os
mais conservadores.

Mas Lênine não é uma causa,
é uma consequência — a conse-
quência da própria decadência do
regime deposto.

Se a Rússia imperialista tivesse
razão para subsistir, ou força mo-
ral que se apoiar, Lênine, a estas
horas, seria apenas um desconhe-
cido *trovador* de ideais distantes.
Quando Lênine apareceu às
portas de Petrogrado já ali ron-
dava a miséria e a fome; ele não
derrubou o velho regime, este que
lhe entregou a alma dum grande
povo para quem o unico clarão de
esperança era a Revolução que
surgia. De resto, foi ainda a poli-
tica internacional — a impreviden-
te política europeia da guerra —
quem apressou o caso russo que
não pode ser apreciado isolada-
mente.

Se Lênine é encarado como
principal responsável das desgra-
ças do seu país, como encarar,
então, esses homens das chance-
larias — duma imprevidência des-
graçada — que erraram ao redor
da guerra e ao redor da paz, dei-
xando rolar sobre a sua insignifi-
cância a inirrimível *vaga* dos
mais tristes acontecimentos?!

— Há fome, há miséria na Rus-

sia — triste verdade que nos emo-
ciona!

Mas na Europa há uma miséria
doirada que os detentores do po-
der mal disfarçam; em toda a parte
há um olhar inquieto sobre o dia
d'amanhã; e é negro e amargo, e
custa duro preço, o pão com que
o povo engana a fome.

Na Rússia tiveram o espectro
de Lênine para justificar as des-
grças daquele país; mas nas outras
nações, o que os impede de fazer
a felicidade do povo?...

Para se avaliar do valor do
grande revolucionário russo, é
preciso reparar como ele, quasi só,
há sete anos, se bate e defende,
resistindo às intrigas e conspirações
dentro dessa enorme Rússia —
tendo que defrontar-se com a in-
triga no ataque dos governos
burguezes de quasi todo o mundo.

Lênine e os seus adeptos poderão
passar — tudo passa! Mas a Rus-
sia é grande demais para desapa-
recer o, nas suas ruínas ha-de re-
construir-se ainda, uma mais
bela civilização.

Traçando estas linhas não pre-
tendo focar, com uma idolatria
mesquinha, o notável homem que
morreu, — e muito menos tento o
elogio da politica russa que neste
momento não tenho que discutir.

Apenas quero afirmar que de
toda a obra de Lênine — com todos
os seus erros e virtudes — eu dis-
tingo um bravo perfil onde só a

doença e a morte teve poder para
imobilizar o esforço herculeo dum
dos maiores lutadores contempo-
râneos.

De toda a sua obra, embora
por vezes incoerente, eu vejo er-
guer-se como que um bronze mo-
numental que durante muitos anos
será o terror de estadistas anões,
e ao mesmo tempo iluminará a es-
perança numa Sociedade mais bela,
mais justa, mais perfeita.

JULIÃO QUINTINHA

Os fenômenos sociais

— • • • —

Os fenômenos sociais são tão
naturais, obedecem a leis tão
necessárias como as leis da
Matemática, da Astronomia,
da Física, da Química, etc.

Nós todos ao praticarmos os multi-
plos actos da nossa vida social, ao
mantermos as relações uns com os ou-
tros obedecemos a leis naturais tão ri-
gorosas como as dos movimentos dos
corpos celestes, dos astros, dos plane-
tas, da Lua, que fazem prever com uma
certeza de segundos qual o momento
em que se realiza um eclipse, etc.

Os estudos dos fenômenos sociais
poderão ser feitos com a mesma inten-
sidade, com a mesma verdade e probi-
dade scientificas, como se estuda qui-
micamente a água.

Assim como há laboratórios de Fisi-
ca e de Química, há e pode haver tam-
bém laboratórios de Sociologia.